

CONSCIÊNCIA CRÍTICA PARA UMA ECONOMIA LIBERTADORA

João Antônio S. L. Sucupira¹

*Os homens do progresso
querem nos desatar
a vida aqui é benefício
se morre de favor.*
Pollyanna Melo

Resumo

Vivemos em um mundo onde há opulência sem precedentes e fome crônica, podendo ser essa a realidade em países ricos ou pobres. A questão de fundo no presente artigo é a profunda desigualdade social. São muitas as causas da desigualdade, mas duas delas, o liberalismo econômico e suas consequências, concentração da renda e do poder, e a indiferença, a perda do senso de indignidade que normaliza a eliminação do outro, parecem estar na raiz das outras causas. Daí a necessidade de uma nova economia, humanizada, onde a eficiência e o lucro máximo, não sejam as únicas referências e onde a política priorize os menos favorecidos. A ação complementar dos indivíduos e das instituições sociais constitui a condição para o enfrentamento dos problemas sociais.

Palavras-chave

economia libertadora - desigualdade social – exclusão - nova economia.

Introdução

Discutir com consciência crítica o significado de uma economia libertadora passa necessariamente por analisar as causas de um dos maiores problemas das sociedades atuais, seja no plano internacional ou local: a desigualdade social.

A situação com que nos defrontamos atualmente é insensata, absurda. A humanidade alcançou um nível de tecnologia capaz de produzir alimentos em abundância e acabar com a fome, de produzir vacinas que previne doenças. Em menos de três anos conseguiu produzir a vacina da Covid, desenvolveu conhecimento técnico-pedagógico para erradicar o analfabetismo, encontrou soluções para reduzir a emissão dos gases que provocam o aquecimento global e criou instituições para promover o diálogo e resolver, de forma mais harmônicas, os conflitos.

De fato, somos seres muito criativos. Mas por que milhões de pessoas ainda morrem de fome enquanto há tanto desperdício de alimentos? Por que não há vacinas para muitas doenças em países tropicais e 16% da população mundial é analfabeta? Por que as conferências internacionais promovidas pela ONU sobre as questões climáticas fracassam e a ainda vemos tantas guerras? Finalmente a questão central desse artigo: por que só uma parcela pequena da população mundial goza de excelente qualidade de vida e tantas pessoas vivem em condições desumanas?

¹ Economista, pós-graduado em economia, mestre em administração e graduando em teologia. Atuou como professor de Ética socioambiental e direitos humanos no setor da Cultura Religiosa-CRE do Departamento de Teologia da Puc-RJ e atualmente é diretor da Coletivo DH e professor na pós-graduação da ESPM-Escola Superior de Propaganda e Marketing e do Grupo Ibmecc Educacional.

Quanta sabedoria desperdiçada. Como se não tivéssemos vontade de mudar, de não vislumbrar a possibilidade de uma vida digna. Alguém já disse que é mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo. (Fisher, 2020) A verdade é que todas as pessoas poderiam estar vivendo muito mais, em paz e com excelente qualidade de vida, e não somente alguns.

Mas a realidade não só não condiz com o que poderíamos estar vivendo, como está piorando para a imensa maioria das pessoas. Há um consenso - e os números mostram -, que a desigualdade está alta e cresce em quase todas as nações. Países ricos se tornam cada vez mais ricos e os pobres mais pobres. Nas nações, a participação dos ricos na renda nacional cresce em relação a participação dos pobres. Se tomarmos como exemplo a insustentabilidade ambiental, sabemos que as catástrofes provocadas pelas inundações, ciclones, secas prolongadas costumam dizimar populações que vivem em condições precárias. As crises econômica, social e ambiental se perpetuam e as desigualdades sociais geram cada vez mais violência: uma violência globalizada, entranhada na engrenagem dos órgãos da segurança pública de vários países e aumentando o número de assassinatos nas periferias das cidades.

É preciso **dizer não** aos processos geradores da exclusão e construir uma nova economia, libertadora. A liberdade das pessoas está fortemente comprometida pela falta de oportunidades de emprego, de uma educação de péssima qualidade, pela pobreza extrema, pela subnutrição que leva à marginalização social. Comprometida pela opressão de uma economia voltada para a geração do lucro máximo, alavancado pelos ganhos financeiros dos super ricos. Os elevados ganhos financeiros têm levado a mais lucros, mais exploração, maior controle da política por parte de poucos e, conseqüentemente, mais desigualdade. Como chama a atenção o Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo de hoje, *Evangelii Gaudium* (EG), a economia é excludente. Mata.

“Assim como o mandamento «não matar» põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer «não a uma economia da exclusão e da desigualdade social». Esta economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social”. (EG 53)

A desigualdade social e suas causas

São muitas as causas da desigualdade tais como o poder das corporações forçando a queda dos salários, a ausência de uma educação libertadora, a inflação e a perda real do poder de compra, a prática da corrupção e o desvirtuamento da alocação dos recursos, a evasão fiscal egoísta, o preconceito em relação à cor da pele (racismo), ao gênero (machismo), à orientação sexual

(LGBTQIA+), à idade (etarismo), às pessoas com deficiência (capacitismo), entre outras discriminações. Além dessas, as mídias a serviço do capital, a cultura de meritocracia, o pagamento dos juros por conta da dívida externa, a destruição do espírito de coletividade, o individualismo exacerbado, a exploração de forma predatória e criminosa da biodiversidade e do meio ambiente, dentre tantas outras.

Porém, no presente artigo destacaremos apenas duas causas: a) o modelo de economia baseado no liberalismo e b) a indiferença e a perda do senso de dignidade das pessoas frente a uma realidade tão injusta - causas que estão na raiz das demais.

O liberalismo econômico

A teoria que pressupõe a inclusão social pela via do mercado nunca teve comprovação pelos fatos. Para o Papa Francisco, quem ainda acredita no mercado como indutor da inclusão “exprime uma confiança vaga e ingênua na bondade daqueles que detêm o poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico reinante” (EG 54). O princípio da maximização do lucro, sem levar em conta todas as outras considerações, é, no mínimo, uma distorção conceitual da economia. É inaceitável a produção de bens e serviços para atender às necessidades dos indivíduos, gerando mortes prematuras por doenças evitáveis e a destruição do planeta. Não faz o menor sentido uma economia que estimule o lucro máximo e seja desastrosa para a maioria das pessoas. “Um desenvolvimento tecnológico e econômico que não melhora a qualidade de vida integralmente não se pode considerar progresso”, afirmou o Papa Francisco na *Laudato Si* (LS 194).

Na verdade, a crença de que a autonomia dos mercados tende a resolver as questões sociais tem sido o mote para a destruição das leis de proteção ao bem-estar visando a redução dos custos e uma pretensa geração de empregos que não se dá na prática. A ausência do controle do Estado tende a aniquilar seu papel de zelar pelo bem público e o exemplo mais sensível é a deficiência dos serviços privatizados, como ocorre aqui no Brasil em vários setores, tais como na energia elétrica, aeroportos, estradas e no fornecimento da água, entre tantos outros. O elevado financiamento público para as grandes corporações justificado pela eficiência nos serviços e pelo efeito no crescimento econômico não necessariamente gera distribuição de renda e nem aumento do emprego, ao contrário, a experiência mostra que leva ao aumento dos lucros em detrimento dos salários e as oportunidades de trabalho são minguantes em função da sofisticada tecnologia poupadora da mão de obra.

É uma ingenuidade acreditar que no capitalismo o monopólio privado melhore a prestação dos serviços públicos. Um dos exemplos mais conhecidos é a péssima qualidade da prestação do serviço de energia elétrica, pela Enel, em várias cidades, principalmente em São Paulo e em cidades

da região serrana do Rio de Janeiro. Além disso, com as novas tecnologias e a pouca ingerência governamental, os elevados ganhos no mercado financeiro proporcionaram à oligarquia financeira o controle do capital de várias empresas em diversos setores da economia aumentando o poder político das corporações.

Decididamente estamos carentes de uma nova economia, de um novo modo de viver, de uma sociedade com valores que considere o desenvolvimento tecnológico não em função do lucro, mas dos benefícios para o ser humano.

O relatório anual da OXFAM “Como o poder das grandes empresas divide o nosso mundo e a necessidade de uma nova era de ação pública”, publicado em fevereiro último, está repleto de dados mostrando o crescimento da desigualdade, as injustiças e a precariedade das condições de trabalho, principalmente das mulheres. Lá consta que “A riqueza dos cinco maiores bilionários do mundo dobrou desde 2020, enquanto a de 60% da população global – cerca de 5 bilhões de pessoas – diminuiu nesse mesmo período”. Se nada for feito para mudar na economia a tendência é que a concentração da renda aumente, e em dez anos surgirá o primeiro trilionário, sendo que, para acabar com a pobreza, serão necessários 230 anos, afirma o relatório.

É simplesmente escandaloso. Não se trata mais de um pequeno percentual da população com mais da metade da renda e um grande percentual de pobres com pequeno percentual da renda. Agora, ao invés de percentual é um reduzido número de pessoas identificadas e badaladas como exemplos de sucesso. O que não falta são livros enaltecendo as “virtudes” desses líderes das megas corporações, verdadeiros controladores dos mercados globalizados. Controladores que não aceitam o controle governamental e são capazes de manipular e provocar a queda no preço das ações da bolsa de valores quando, por exemplo, um governo orienta uma empresa estatal na direção do interesse público.

Em síntese, podemos dizer que esse modelo liberal de economia concentrador de renda e poder político tem que ser repensado e substituído por uma nova economia que se submeta à política e que esta tenha o compromisso de resgatar a população em situação de miséria, pois “O mercado, per se, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal. Trata-se de um pensamento pobre, repetitivo, que propõe sempre as mesmas receitas perante qualquer desafio que surja”, afirma Francisco na *Fratelli Tutti* (FT 168).

A indiferença e a perda do senso de dignidade

Apesar dos dados divulgados pela OXFAM sobre a desigualdade social serem tão absurdos, eles já não causam mais perplexidade. A indiferença das pessoas em relação à miséria em que vive a grande maioria em pleno século XXI é sim uma das principais causas da desigualdade social. “A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo

que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades ... não nos incomoda de forma alguma”. (EG 54)

Quem se escandalizou quando a mídia divulgou o nome dos bilionários que gastaram milhões de dólares para passear de foguete com o objetivo de alcançar velocidade no espaço, suficiente para provocar uma sensação de ausência de gravidade? O saudoso sociólogo Herbert de Souza - o Betinho da campanha do combate à fome -, costumava dizer que não podemos perder o senso de indignidade. Não podemos nos acostumar com a indigência humana como se tivéssemos anestesiados, como se não fosse uma questão nossa, mas dos governos, dos outros.

Os enormes ganhos financeiros das corporações globalizadas estão sufocando a economia real. As pessoas tornaram-se recursos descartáveis que se pode usar e depois jogar fora. Portanto, um sistema que funciona à custa dos sacrifícios humanos. Nessa mesma linha de pensamento, o documento da Campanha da Fraternidade (CF) de 2024 denuncia

Segundo a mentalidade corrente, quanto mais cedo conseguirmos eliminar aqueles que são improdutivos e, por isso, um peso para a sociedade (desempregados, pobres, doentes, idosos...), mais rápido conseguiremos elevar o nível de vida para aqueles que são produtivos e contribuem com a sociedade. Ainda mais, nossa sociedade é excludente. Abaixo dos considerados improdutivos, encontramos os excluídos, aqueles que a sociedade não quer nem ver, para nem se lembrar da sua existência. São as pessoas em situação de rua, os encarcerados, os refugiados... (CF/2024, 44 e 45)

Tolerar a indiferença? É inaceitável uma economia baseada na competição acirrada, no consumismo e na falta de cuidado com o ambiente. É urgente compreender as causas do drama social e vislumbrar saídas efetivas para uma sociedade onde haja o respeito aos direitos, à justa liberdade. Nas palavras do Papa Francisco, “Os heróis do futuro serão aqueles que souberem esquecer a lógica dos seus interesses, decidindo-se por romper o cerco atual da indiferença, para sustentar, amigável e universalmente, uma palavra repleta de verdade humana”, (CF/2-24, n. 37).

A situação é muito preocupante pois os oprimidos já não se sentem parte da sociedade, perdendo assim, o sentimento de pertença. Essa formulação nos ajuda a entender a questão da indiferença. Diz o Papa,

Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são «explorados», mas resíduos, «sobras». (EG 53)

Sem o sentimento de pertencimento, sem trabalho e sem políticas públicas que gerem oportunidades e esperança de uma melhora de vida, as agressões encontram um terreno fértil para

os conflitos armados com sérias consequências, como já estão ocorrendo em várias partes do mundo. Negar a pertença à sociedade coloca em risco a própria existência. Portanto, não há mais espaço para a indiferença, para reclamações de tantas violências, urge encarar de frente a situação de injustiça em que vivem os excluídos.

Considerações Finais

Para alcançar uma economia libertadora temos que ter a consciência de que o sistema econômico vigente é injusto em sua raiz porque nega a sua humanidade.

Diversas mudanças são necessárias, mas a primeira e mais relevante é que a humanidade tem que mudar de mentalidade, pois não podemos mais viver em paz num mundo onde o bem-estar é somente para alguns. Ao contrário do que está acontecendo, temos que caminhar para uma economia libertadora, na qual as pessoas possam decidir o que querem ser e ter oportunidade para desenvolver suas potencialidades, como diz o ganhador do prêmio Nobel de economia, Amartya Sen, no seu famoso livro *Desenvolvimento como liberdade*. Para ele, só podemos falar de desenvolvimento quando as pessoas experimentam na prática a expansão das suas liberdades reais.

Assim, é preciso corrigir as disfunções da economia para que o princípio do bem comum passe a ser a referência da política econômica. Consequentemente, a economia não pode se submeter apenas ao paradigma da eficiência e a opção preferencial pelos pobres tem que ser a sua prioridade, o seu dever maior e urgente. Como o sistema capitalista só se mantém se recompensar o lucro, independente dos valores humanos, os governos precisam exercer de fato o poder de regulação das ações do setor privado para que haja uma sociedade mais igualitária. Mas isso só vai acontecer quando a liberdade individual e a liberdade social andarem juntas. A ação complementar dos indivíduos e das instituições sociais constitui a condição para o enfrentamento dos problemas sociais.

Para terminar, duas estrofes da poesia *Laços*, de Nando Reis, onde o compositor em poucas linhas exalta a luta, a beleza da vida, a compaixão, o respeito, a ternura e a esperança.

*Você que vai à luta e segue sempre em frente
Enfrenta os desafios que o destino traz
A vida é preciosa todo mundo sente
Afeto e compaixão a gente sempre entende
Máximo respeito a você que faz
Laços de ternura e aliança
Hão de ser a diferença
O impossível pode acontecer*

Questões para Reflexão

Como criar uma consciência coletiva para que as políticas públicas sejam direcionadas prioritariamente para reduzir as desigualdades sociais?

Como você argumentaria se alguém lhe dissesse que o modelo de economia atual e a tecnologia resolverão todos os problemas socioambientais?

Referências bibliográficas:

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil/**Campanha da Fraternidade 2024. Texto-base**. Brasília. Edições CNBB, 2023. Disponível em: <https://gilvander.org.br/site/wp-content/uploads/2024/01/Texto-base-cf-2024-Fraternidade-e-Amizade-Social-pdf.pdf> , acesso em 7 de maio de 2024

PAPA FRANCISCO. *Evangelii gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo de hoje. 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/evangelii-gaudium/en/files/assets/basic-html/index.html#1>, acesso em 7 de maio de 2024

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. São Paulo: Autonomia literária, 2020

PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. 2020. Disponível em: <https://marista.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Carta-Enciclica-FRATELLI-TUTTI-PT.pdf>, acesso em 7 de maio de 2024

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si*. Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco. Edições Loyola, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html, acesso em 7 de maio de 2024

OXFAM INTERNACIONAL. Desigualdade S.A. Como o poder das grandes empresas divide o nosso mundo e a necessidade de uma nova era de ação pública. **Relatório da OXFAM de 2024**. Disponível em: file:///C:/Users/sucup/Downloads/1705329018377Davos_2024_completo_pt-BR.pdf, acesso em 7 de maio de 2024

REIS, Nando. **Laços**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nando-reis/lacos-part-ana-vilela/>, acesso em 7 de maio de 2024

Sem, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. 1999. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Desenvolvimento_como_liberdade/ohlfDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover, acesso em 7 de maio de 2024

UNESCO. **Dados de analfabetismo no mundo**. 2024. Disponível em: <https://www.dn.pt/globo/analfabetismo-atinge-16-da-populacao-mundial-adulta-1979007.html/>, acesso em 7 de maio de 2024